



Decorreu no dia 12 de julho de 2018, na Universidade de Aveiro, um encontro, organizado pela Apf e pela SPF, subordinado ao tema "Filosofia e Flexibilidade Curricular".

Os trabalhos abriram com as intervenções das Professoras Doutoradas Maria do Céu Roldão (***Aprender o essencial – o currículo como uma questão epistemológica***) e Ariana Cosme (***O Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular como oportunidade para a transformação das práticas docentes***). A Dra. Maria do Céu Roldão integra a equipa de especialistas em currículo que acompanharam, com a DGE, a elaboração das Aprendizagens Essenciais de todas as disciplinas (ver definição no Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho). A Dra. Ariana Cosme faz parte da equipa de avaliação externa que acompanhou a implementação do Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular e que agora irá monitorizar, nos próximos seis anos, a implementação do Currículo do Ensino Básico e Secundário. Ambas fizeram um enquadramento global do que é a autonomia e a flexibilidade curricular.

Da intervenção de Maria do Céu Roldão, destacamos a distinção entre o currículo prescrito (o que vem do Ministério da Educação) e o currículo implementado (aquele que efetivamente ocorre na escola). Esta distinção é fundamental, porque a flexibilidade curricular, que não é apenas uma questão de gestão de tempos e espaços escolares (estes são apenas instrumentos ao serviço da integração curricular e de aprendizagens significativas), mas, fundamentalmente uma questão de mudança de práticas letivas e de avaliação, o que implica que o professor, com autonomia técnica e científica que possui, seja co-autor do currículo. Ora, essa co-autoria dá ao professor (escola) autonomia, mas também uma enorme responsabilidade, na qual o conhecimento específico da sua disciplina, os fundamentos pedagógicos e a implementação de abordagens metodológicas centradas nos alunos são essenciais.

Ariana Cosme destacou a importância de todo o trabalho ser pensado em função do "Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória" e o papel absolutamente central do professor na formação do aluno, na obtenção de aprendizagens de

sucesso e no alcance de uma educação inclusiva, numa escola cada vez mais heterogénea.

No segundo painel ("Práticas pedagógicas de integração em Filosofia) foram apresentadas duas propostas por Dina Mendonça e Domingos Faria.

Dina Mendonça, partindo de um exemplo de articulação entre a Teoria da Argumentação, aliada à Metodologia Lipman de Filosofia com Crianças e Jovens, apresentou um exemplo (que pode ser desenvolvido entre a disciplina de Filosofia e a de Português) no qual se trabalhou a **capacidade de os alunos formularem boas perguntas**, passando do questionamento cuja resposta é meramente explicativa para a pergunta cuja resposta é reflexiva e argumentativa. Esse trabalho foi implementado no âmbito de uma ação de formação de professores de todas as áreas disciplinares, e os resultados obtidos em sala de aula permitiram aferir impactos muito positivos nos alunos e professores. Os alunos, entre outros aspetos, conseguem compreender que a questão que leva à argumentação abre várias possibilidades interpretativas e à possibilidade de investigação conjunta. Do ponto de vista do professor, os ganhos são os de criar um processo de aula colaborativo, no qual o aluno é corresponsabilizado pela sua aprendizagem e a introdução de critérios rigorosos de avaliação, como, por exemplo, a clareza das posições e a validade lógica. Do ponto de vista da flexibilidade curricular, para além de esta metodologia ir ao encontro de várias das dimensões do Perfil dos Alunos, é um processo natural de integração curricular (modo flexível de trabalhar o currículo), sem acrescentar ou retirar horas às disciplinas.

Domingos Faria apresentou uma proposta para a **lecionação da filosofia da religião no ensino secundário** em que se estabelecem articulações diretas com a lógica, a metafísica, e a epistemologia. Domingos Faria sugere que se lecionem três problemas de filosofia da religião. No primeiro problema, de natureza lógica, visa-se analisar a consistência dos atributos divinos. No segundo problema, de natureza metafísica, pretende-se investigar se Deus existe. Por fim, no terceiro problema, de natureza epistémica, deseja-se analisar se a crença em Deus pode ou não ser racional mesmo na ausência de argumentos metafísicos a favor da existência de Deus. Nesta proposta de lecionação visa-se que os alunos tenham uma perspetiva ampla e contemporânea da filosofia da religião, e pretende-se que relacionem os problemas, teorias, argumentos e conceitos desta área com a lógica, a metafísica, e epistemologia.

O trabalho apresentado por Domingos Faria, para além de ser um excelente exemplo ilustrativo de como os elementos básicos de lógica, lecionados no 10.º ano, devem ser um instrumento de trabalho a aplicar durante a lecionação dos conteúdos das restantes unidades letivas, é também um poderoso exemplo do desenvolvimento das competências de análise e raciocínio críticos definidos no Perfil dos Alunos e um excelente exemplo de flexibilização e integração curricular intradisciplinar.

No terceiro painel foram apresentadas três comunicações por Faustino Vaz, João Manuel Pires e Sérgio Lagoa, sob a designação geral de “Propostas de integração pedagógica em Filosofia”.

Na sua apresentação, Faustino Vaz explorou ***A utilidade da lógica na leção do programa de Filosofia***. Depois de realçar o carácter instrumental do ensino da lógica no ensino secundário, Faustino Vaz sublinhou que nem a lógica visa substituir a análise e o confronto com o texto filosófico nem a mesma deve ser mobilizada sem uma clara intencionalidade didática e de modo a suscitar a dialética filosófica. Em seguida, apresentou exemplos vários, dos conteúdos disciplinares das aprendizagens essenciais do 10.º e do 11.º anos de escolaridade, onde evidenciou de que forma a análise lógica permite a compreensão crítica de argumentos presentes em textos de autor (por exemplo, Rawls) e como a validação lógica através da aplicação de tabelas de verdade permite a validação de teorias.

Este último exemplo apresentado por Faustino Vaz é um claro exercício de integração e flexibilização curricular, não apenas porque na articulação entre as Aprendizagens Essenciais de Filosofia e o Perfil do Aluno é dito que a Filosofia contribui para a concretização deste último ao dar aos alunos instrumentos de avaliação crítica de argumentos, mas porque mostra, tal como na apresentação do Domingos Faria, como a integração curricular se faz dentro da leção da disciplina de Filosofia e de que forma as atividades de aprendizagem o permitem alcançar.

Manuel João Pires apresentou a comunicação ***O Ensaio Filosófico ou a construção de melhores mundos possíveis*** na qual pretendeu defender a tese de que a elaboração do ensaio filosófico permite trabalhar todas as competências do Perfil dos Alunos. Defendendo ainda a tese subsidiária de que os alunos só conseguem realizar o ensaio filosófico se as competências que lhe estão subjacentes forem trabalhadas em todas as atividades de aula e se o espaço de sala de aula for um local de trabalho no qual a crítica está sempre presente, Manuel João Pires apresentou exemplos de como ao longo do processo de elaboração do ensaio filosófico se desenvolvem capacidades que estão presentes nos princípios, nos valores e nos domínios de competências do Perfil do Aluno.

Ao explorar uma possível estrutura e uma possível metodologia de elaboração do ensaio filosófico em aula, Manuel João Pires apresentou as bases metodológicas que podem estar por detrás da articulação a desenvolver com outras disciplinas, concretizando-se, assim, o que está previsto nos domínios de autonomia curricular.

Numa comunicação intitulada ***Ferramentas digitais na didática da Filosofia***, Sérgio Lagoa defendeu a necessidade de introduzir as tecnologias na sala de aula, na sequência da tendência de hibridização do ensino na era do *Homo Informaticus*. Para tal, apresentou várias ferramentas *online* articuladas com diversas competências filosóficas: dispositivos de problematização, mapas conceptuais e

mapas de argumentos. Tais dispositivos potenciam o trabalho colaborativo e facilitam a implementação de Domínios de Articulação Curricular previstos no Currículo do Ensino Básico e Secundário. Realçou a existência de estudos empíricos que comprovam a utilidade destas ferramentas digitais na aprendizagem mas salientou que a introdução das tecnologias deve ser devidamente ponderada, estabelecendo criteriosamente objetivos de aprendizagem, metodologias de trabalho, ferramentas digitais necessárias, meios e estruturas disponíveis, literacia digital dos alunos (e dos docentes).

Esta intervenção foi mais um exemplo de como na disciplina de Filosofia se pode fazer integração e flexibilização curricular. Integração ao mostrar que uma das possibilidades de concretização, na disciplina de Filosofia, do Perfil dos Alunos passa pela forma como são construídas as atividades de aprendizagem. Flexibilização porque apresentou instrumentos que permitem sustentar diferentes abordagens metodológicas.